

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

O JORNAL NA SALA DE AULA EM UMA ABORDAGEM DA SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS

Isabel Delice Gomes Macedo, Sônia Maria Nogueira, Gilberto Freire de Santana

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13540>

Submetido em: 2025-09-28

Postado em: 2025-12-01 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

O JORNAL NA SALA DE AULA EM UMA ABORDAGEM DA SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS

THE NEWSPAPER IN THE CLASSROOM AN APPROACH TO THE SEMANTICS OF CONTEXTS AND SCENARIOS

Isabel Delice Gomes Macedo

Doutoranda em Linguística e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Imperatriz/MA, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9693-6502>

Sônia Maria Nogueira

Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Associada do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE), ambos da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Imperatriz/MA, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4005-4508>

Gilberto Freire de Santana

Doutor em Letras e Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Associado do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE), ambos da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Imperatriz/MA, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3018-3018>

RESUMO

Uma das formas de estimular a aprendizagem, em sala de aula, é por meio da utilização eficiente do Livro Didático. A partir da leitura e, conseqüentemente, produção de textos, que valorize o estudo da Semântica, é possível auxiliar professores e estudantes na interpretação do significado e sentido de palavras, frases e expressões. Nessa perspectiva, consideramos indispensável a valorização dos saberes adquiridos pelo(a) estudante em toda sua trajetória de vida, o qual será exposto nos materiais escritos, por meio do fator memória, que serão enfatizados, ampliando de forma efetiva os conhecimentos. Nosso *corpus* se constitui no Livro Didático “Se Liga na Língua: Leitura, produção de texto e linguagem”, 7º ano, de Ormundo e Siniscalchi (2018). Pretendemos compreender como o ensino da Semântica da Língua Portuguesa auxilia na Produção Textual de estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais. Os procedimentos metodológicos utilizados foram análise qualitativa, pesquisa documental, exploratória e explicativa, com fundamentação teórica semântica em Ullmann (1964), Ferrarezi Jr. (2008, 2010 e 2019), Ferrarezi Jr. e Basso (2013), entre outros. Observamos

que é possível ampliar o estudo semântico, a partir do Livro Didático, para além do estudo formal, a exemplo do fenômeno semântico ambiguidade, causado por polissemia, que se trata de um léxico que pode ser associado a mais de um sentido, por meio da Semântica Cultural e Semântica de Contextos e Cenários, possibilitando identificar a significação do contexto (ambiente) e cenário (elementos extralinguísticos) do gênero textual anúncio publicitário no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Semântica de Contextos e Cenários, Jornal na sala de aula, Ensino fundamental – anos finais.

ABSTRACT

One of the ways to stimulate learning in the classroom is through the efficient use of the Textbook. From the reading and, consequently, the production of texts, which value the study of Semantics, it is possible to help teachers and students in the interpretation of the meaning and sense of words, phrases and expressions. From this perspective, we consider it essential to value the knowledge acquired by students throughout their lives, which should be used in written materials, through the memory factor, where they will be emphasized, effectively expanding knowledge. Our corpus consists of the Didactic Books “Se Liga na Língua: Reading, text production and language” –7th grade, by de Ormundo e Siniscalchi (2018). We intend to understand how the teaching of the Semantics of the Portuguese Language helps in the Textual Production of Elementary School students – Final Years. The methodological procedures used were qualitative analysis, documental, exploratory and explanatory research, with theoretical foundations in Semantics by authors such as: Ullmann (1964); Ferrarezi Jr. (2008, 2010 and 2019); Ferrarezi Jr. and Basso (2013); between others. We observed that it is possible to expand the semantic study, based on the Textbook beyond the formal study, for example the phenomenon of ambiguity, caused by polisemy, that it is a lexicon that can be associated with more than one meaning, through Cultural Semantics and Semantics of Contexts and Scenarios to identify the meaning of the context (environment) and scenario (extralinguistic elements) of the textual genre advertisement in the teaching-learning process.

KEYWORDS: Semantics of Contexts and Scenarios. Newspaper in the classroom. Elementary School – Final Years.

Considerações iniciais

Neste artigo, nosso objetivo consiste em compreender como o estudo da semântica auxilia na produção textual de alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais, pois, na comunicação, atribuir sentido às coisas é uma ação natural do ser humano, fato este, estudado pela Semântica. Assim, podemos mencionar que a ciência do significado está presente em diversos âmbitos, sendo espaços formais ou não, pois a língua, independente do contexto, é realizada por meio das manifestações ocorridas por meio da língua(gem). Nessa perspectiva, entendemos

que a língua(gem) é construída na e pela cultura. A língua por ser um bem social e dinâmica promove as transformações existentes na sociedade e nos indivíduos e, como reflexo dessas modificações, há uma interferência positiva na relação língua e cultura, quanto ao sentido do léxico. A presença da Semântica em sala de aula é inevitável. Podemos indicar, como exemplo, a interpretação do sentido e significado das palavras estudadas em um texto disponibilizado no Livro Didático (LD) em uso, nesse ambiente escolar. Mencionamos esse material devido ser uma das principais fontes que auxiliam o professor na condução da disciplina Língua Portuguesa, especificamente.

Cabe ressaltar que esta pesquisa faz parte da dissertação de mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLe, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Os procedimentos metodológicos utilizados foram análise qualitativa, pesquisa documental, exploratória e explicativa, por meio de três etapas: a primeira, seleção do *corpus* e das atividades a serem analisadas; em um segundo momento, a análise semântica; e, por último, a proposta pedagógica, voltada para o trabalho de professores de Língua Portuguesa, com foco na valorização do estudo semântico. A fundamentação teórica em estudos da Semântica Cultural e Semântica de Contextos e Cenários de Ferrarezi Jr. (2008, 2010 e 2019), Ferrarezi Jr. e Basso (2013); fenômenos semânticos de Ullmann (1964), Cançado (2015), Oliveira (2017), Abrahão (2018), entre outros; gêneros textuais de Marcurshi (2008), a fim de propor alternativas pedagógicas, destacando aspectos da Semântica da Língua Portuguesa, a partir da produção de textos, para isso, fazendo uso do gênero jornalístico notícia.

Quanto ao nosso *corpus*, o Livro Didático “Se Liga na Língua: Leitura, produção de texto e linguagem”, 7º ano, de Ormundo e Siniscalchi (2018), adotado em Escolas Públicas Municipais de Imperatriz-MA, foi selecionado em função de fazer parte do ciclo 2020-2023, seguindo o Plano Nacional do Livro Didático – PNLD (Brasil, 2018). Além disso, por estar em conformidade com as diretrizes propostas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017). Para tanto, além destas considerações iniciais, o presente trabalho apresenta cinco seções: Semântica Cultural, Semântica de Contextos e Cenários, Fenômenos semânticos em destaque: ambiguidade, polissemia, O texto jornalístico: gênero notícia, Análise das atividades do Livro Didático e, por último, as considerações finais.

1. Semântica Cultural

Compreender a formação e atribuição de sentidos é tratar a heterogeneidade da língua como comum e parte do aspecto cultural de cada falante. Dessa maneira, segundo Ferrarezi Jr. (2013, p. 71), a área de estudos linguísticos encarregada por tentar relacionar “os sentidos atribuídos às palavras ou demais expressões de uma língua e a *cultura* em que essa mesma língua está inserida” é a Semântica Cultural (SC). Quando relacionada aos aspectos culturais, a língua é responsável pela “compreensão da construção linguística e sua relação com a própria construção da cultura e com o comportamento da comunidade de falantes” (Ferrarezi Jr., 2013, p. 72). Esse envolvimento nem sempre se deu de forma clara, a ponto de ser reconhecido como uma das ramificações da área de estudos da Semântica, no caso a SC.

As pesquisas que envolvem a Semântica Formal se sobressaíam e, com o passar dos anos e a popularização dos estudos voltados para a tradução de textos de uma língua para outra, a atenção começou a ser voltada para a relevância existente da necessidade em estabelecer um sentido e compreensão aos enunciados ou palavras, de acordo com as características dos falantes que as pronunciam. Esse contexto é explicado por Ferrarezi Jr. (2013, p. 72), ao dizer que o uso popular da informática, a falta de êxito parcial dos tradutores automáticos iniciais, tais quais as dificuldades percebidas em intentos “de comunicação global entre povos de diferentes línguas e culturas”, foram considerados “fatores que acabaram demonstrando que os sistemas linguísticos sofriam a determinação de outros fatores além de sua estrutura puramente gramatical e das possibilidades de reduzi-los a formatos lógicos”.

Questionamentos como: “Como cada cultura se relaciona com a língua?” ou “Como a cultura de cada região e/ou comunidade atua de forma direta com a estrutura linguística?” foram se tornando cada vez mais frequentes no estudo semântico, a ponto dos semanticistas perceberem que a Semântica Formal não daria mais conta de contemplar com as definições sobre sentido e significado, estabelecendo apenas uma relação com um referente. De acordo com Ferrarezi Jr. (2013), caberia, então, uma ramificação da SF, denominada como Semântica Cultural (SC), por contemplar no uso linguístico o contexto cultural de cada falante.

Ao pensarmos na cultura, agimos diretamente sobre o processo de ensino-

aprendizagem do(a) estudante, pois “A educação se constitui em um bem cultural. E sua falta pode deixar o homem fadado ao atraso, marginalização e sem acesso também à escola” (Silva, 2007, p. 114). A autora destaca a relação cultura e educação, pois considera que “[...] o meio cultural influenciou positivamente quando permitiu uma ampliação do uso da escrita [...]” (Silva, 2007, p. 142). A escrita, mencionada pela autora, é uma das práticas recorrentes existentes em sala de aula, bem como, é o foco desta pesquisa. Assim, com base nessa constatação, podemos concluir que, ao mesmo tempo em que uma palavra apresenta um sentido e significado, adequados aos falantes em um contexto específico, esse mesmo sentido e significado atribuídos não são compreendidos de forma clara e coesa em outro grupo de falantes da mesma língua. Ferrarezi Jr. (2013, p. 74, grifo do autor) indica que, de fato, a cultura interfere na estrutura linguística uma vez que, nos estudos de SC, comumente, “se adota a premissa de que o conceito de língua natural é em si o princípio da construção teórica, pois esse conceito é que norteia a abordagem do objeto de estudo”. A língua é um dos principais sistemas responsáveis por representar o que a cultura contempla em uma comunidade.

Lyons (1982, p. 275) já discutia o assunto, quando dizia que “não há dúvidas de que o conhecimento da própria língua nativa é culturalmente transmitido: é adquirido, embora não necessariamente aprendido, em virtude do indivíduo ser membro de determinada sociedade”. Por esse motivo, é possível afirmarmos que a língua se forma por meio da cultura e a cultura exige da estrutura linguística maneiras de representação. Partindo dessa premissa, língua, pensamento e cultura funcionam como um tripé para a SC. Ferrarezi Jr. (2013, p. 75) destaca que é preciso “estudar justamente esse complexo processo de interinfluência e como ele interfere na construção de sentidos que atribuímos às palavras e demais construções da língua em nosso dia a dia”. Enfocamos, a seguir, na Semântica de Contextos e Cenários (SCC).

2. Semântica de Contextos e Cenários (SCC)

As diferentes formas de observar e interpretar as situações do dia a dia são resultados da perspectiva cultural que cada falante traz consigo. O que é culturalmente percebido e a estrutura linguística de cada usuário da língua faz com que a forma de compreensão das situações em determinados contextos sejam

questões necessárias a serem discutidas em sala de aula. Conforme explica Ferrarezi Jr. (2013, p. 83), podemos afirmar que “não se trata de um caso de ver o mundo, mas de como ver o mundo, o que realmente define as categorias que criamos e representamos por meio da linguagem”.

Para uma construção e atribuição de sentido, as palavras usadas em um momento de comunicação do falante ou mesmo a busca por demonstrar algo dentro do aspecto cultural, pessoal e da sociedade que o indivíduo está inserido, é uma ação inerente em um diálogo. A SC contemplou a compreensão e verificação de como cada cultura se propõe a conceber sentido aos elementos de mundo que os falantes conhecem no dia a dia. Essa representação afeta diretamente a estrutura linguística e não somente isso, tem reflexo também na forma pela qual cada pessoa interage com o mundo, sendo um sujeito que pensa, questiona e é capaz de modificar sua realidade. A SC, por ser um campo de estudo em ascensão, trouxe novas ramificações que proporcionam diferentes formas do falante agir sobre o mundo, quando se depara com a perspectiva cultural.

Uma das subdivisões do estudo semântico, por sua vez, é o que chamamos a teoria de SCC. Ferrarezi Jr. (2008, p. 23, grifo do autor) faz menção sobre essa vertente, explicando que a SCC “é uma concepção de semântica que toma como base a ideia de que *uma língua natural é um sistema de representação do mundo e de seus eventos*”. A partir dessa definição, é possível dizermos que não somente as características culturais são relevantes, mas também o contexto e cenário de cada falante. As pesquisas relacionadas à teoria da SCC são recentes, por isso, em muitos aspectos, esse ramo da Semântica se baseia, ainda, na teoria da SC. Para existir uma relação entre a língua e cultura, deve haver um enfoque que seja um elo correspondente, para que haja a atribuição de sentido.

No contexto da teoria da SCC, a partir do que foi mencionado neste tópico até o momento, destacamos que cultura é o conhecimento adquirido socialmente por cada falante e, por isso, é o vínculo existente entre o indivíduo e o mundo. Ferrarezi Jr. (2008, p. 23), sobre essa condição existente, conclui que “a SCC estabelece uma relação obrigatória entre a língua e a cultura, sem a qual não podem ser formados os sentidos e sem a qual os sentidos não podem ser associados às palavras ou outros sinais usados nessa representação”. Ainda sobre pesquisa na área da SCC, Ferrarezi Jr. (2010, p. 12) considera que este seguimento do estudo linguístico é compreendido com base em alguns fatores, tais como: [...] uma abordagem que

aproveita elementos técnicos e teóricos de diferentes abordagens semânticas, já bem mais desenvolvidas, embora dando sua própria contribuição 'original', além, é claro, da complexa montagem desse quebra-cabeça científico", uma vez que "é, por si só, parte fundamental dessa tentativa muito pessoal de aproveitamento e conciliação de aspectos teóricos comumente tomados como divergentes, mas em que creio encontrar boas explicações para certas questões da linguagem".

De acordo com Ferrarezi Jr. (2010), o falante em um momento de diálogo, precisa se colocar no lugar do outro, para que exista uma comunicação. Para isso, o autor explica que essa ação entre locutor e interlocutor ao se colocarem "no lugar de" é fazer com que no momento da comunicação, ambos sejam capazes de pensar como seria a língua e representação de mundo a partir de outra perspectiva. Agir dessa forma, vale principalmente para o receptor da mensagem, pois é ele quem irá receber as informações enunciadas. Essas são questões que vão além do significante e significado, bem como ultrapassam o quesito de valor da verdade, como na teoria da Semântica Formal. Desse modo, por entendermos a relevância da ação de estar "no lugar de" em um diálogo, percebemos que se encontrar nessa posição é observar e analisar as perspectivas tradicionais, conforme uma nova abordagem, neste caso a da SCC.

Ao assumir esse posicionamento, entendemos que em um diálogo somos capazes de agir com um maior direcionamento ao atribuirmos sentido. Na comunicação, para Ferrarezi Jr. (2010, p. 13), essa postura nos leva a ações como "referenciar, a de criar mundos possíveis, a de atribuir, a de funcionar no ambiente cultural e social, a de assumir as forças locutiva, ilocutiva e perlocutiva [...]". Isso, pois, "ocorre sem criar problemas significativos para uma abordagem verifuncional, para uma teoria da referência, mesmo que uma teoria causal da referência, ou dos usos atributivos da língua", em virtude de "ao colocar a língua natural 'no lugar de', esse lugar pode ser o de um atributo, de uma referênciadireta, de uma verdade, de um pensamento, de uma sensação cognitiva, de qualquer coisa a que a língua se preste a ser colocada 'no lugar dessa coisa'". Para a SCC, significado e sentido podem ser vistos em uma percepção além da definição proposta na Semântica Formal. Dessa maneira, o significado reside no plano interno, é particular e pouco conhecido pelos falantes. Já o sentido é estabelecido quando se refere à atribuição frequente do significado da língua em uso e reside no campo externo da língua, se tornando especializado e conhecido. O sentido das palavras, um dos pontos mais

relevantes no estudo da SCC, não é apresentado ao falante e ouvinte de forma fixa e com entendimento pré-estabelecido. Quando a palavra é vista na perspectiva do contexto e cenário, significa dizer que os sentidos são construídos quando embasados em uma interferência linguística.

Essa abordagem tem como base teórica o que na SCC conhecemos como “Princípio da Especialização de Sentidos” (PES). O PES, ao ser apresentado, leva em conta dois princípios: a dimensão linguística (contexto) e a extralinguística (cenário). Na SCC, Ferrarezi Jr. (2010, p. 120) indica que cenário são “todos os fatores relevantes do ponto de vista dos interlocutores para a especialização dos sentidos dos sinais”, e contexto implica em tudo que vem antes e depois da palavra ou texto. Para Ferrarezi Jr. (2010, p. 113), existem algumas características que fazem com que seja possível uma melhor compreensão do leitor quanto a esse conteúdo estudado pela SCC, a saber: “especialização de sentido é a definição exata do sentido (e do sentidoi [sic]) associado a um sinal-palavra em uso”, isto é, “um sinal-palavra x, em um contexto y e um cenário w, devidamente identificados e definidos, estará associado a um e apenas um sentido s e, portanto, servirá para representar uma e apenas uma visão de referência v, e não outra, em um mundo m”. Ressaltamos que essa definição de ‘contexto’, no que se refere ao PES, é trabalhada quando fazemos menção ao que vem anterior e posterior ao texto.

Porém, não podemos deixar de citar que, neste artigo, trabalhamos, também, o conceito de ‘contexto’ quando indicamos as circunstâncias sociais que acompanham uma situação e/ou fato vivenciado pelo falante e/ou ouvinte no momento da comunicação. Assim, retomando o estudo sobre a especialização de sentido, corroboramos que o PES é relevante para ser trabalhado em sala de aula, pois há possibilidades do docente proporcionar ao estudante um conhecimento amplo sobre o estudo semântico. A compreensão da palavra, princípio da representatividade e da especialização de sentido são esclarecidos por Ferrarezi Jr. (2010, p. 114), ao destacar três momentos específicos em torno da temática:

1. é a dimensão linguística, em que se insere o sinal-palavra. Inclui os contextos, como concebidos na SCC. Como se vê, a língua, embora tomada aqui de seu ponto de vista sistêmico, faz parte da cultura;
2. é a dimensão extralinguística, cultural, de âmbito coletivo, social, em que se constrói o sentido que será associado a um sinal-palavra. É também nessa dimensão que a *visão de referência* é construída na cultura. [...] para o sistema de atribuição de sentido não interessa a referência em si, mas como ela é vista e construída por meio dos olhos da cultura;
3. é a dimensão extralinguística subjetiva, em que, pelas experiências de

vidado indivíduo, se constrói o sentido [sic]. Claramente, essa dimensão se inter-relaciona com a do ambiente cultural de forma difusa e dificilmente identificável.

Especializar o sentido, com base nos pressupostos mencionados anteriormente, é entender que cada palavra ao ser usada linguisticamente precisa estar situada em um contexto, tanto conforme à definição da PES, como nas características sociais. Ao inserir o sinal-palavra em um contexto bem posicionado, o falante e ouvinte conseguem atribuir, mais facilmente, sentidos não costumeiros. A vida social promove a conceituação comum, mas existem experiências que fazem parte do indivíduo isolado que contribuem para o processo de significação. As coisas no mundo são entendidas e percebidas, também, a partir do olhar solitário do falante, sem estar totalmente relacionado aos conceitos que são comuns a todos. Isso quer dizer que, apesar da existência de sentidos gerais, existem outros particulares, que também conseguem estabelecer a comunicação e compreensão entre os indivíduos durante uma comunicação. Com base nisso, é possível compreender o que Ferrarezi Jr. (2008; 2010; 2019) apresenta sobre a especialização dos sentidos em *Semântica da Língua Portuguesa*.

Um sentido se torna especializado, com características específicas, quando é possível entender que uma mesma palavra pode se referir a distintos referentes. Entendemos melhor essa definição, quando realizamos a leitura e discussão em torno do aporte teórico de Ferrarezi Jr. (2019, p. 61), ao iniciar que, no processo de atribuição de sentido, podemos entender questões que indicam a possibilidade de “[...] uma mesma palavra pode ser usada para referir-se a diferentes referentes no mundo”, tais como, ao dizer “pé”, por exemplo, do que exatamente estou falando: do pé de fruta, do pé da cadeira, do pé humano, do pé como medida, do pé que não dá pé, de qual pé, afinal? É preciso haver um processo linguístico que permita especificar qual é o sentido adotado em cada uso”. Nesse panorama, não existem apenas os sentidos denotativos, os conotativos também são capazes de serem reconhecidos para definição de qual sentido o falante faz referência na comunicação. Um dos princípios é entender que a palavra não tem apenas um sentido próprio.

Por isso, diante dessa perspectiva e fundamentando os tópicos que caracterizam a especialização dos sentidos, podemos dar ênfase a Ferrarezi Jr. (2008, p. 22), quando o autor menciona: “[...] uma vez que os sentidos são sempre construídos em função do conjunto de informações culturais do falante e de sua

comunidade, a semântica, necessariamente, será um estudo que se relaciona com os fatos culturais representados pela língua materna”. A partir desse posicionamento, o sentido somente será atribuído, quando houver um sinal, contexto e cenário. Esse entrelaçamento funciona quando um depende do outro e cada unidade é definida, conforme Ferrarezi Jr. (2008, p. 26) contextualiza a seguir:

1. Sinal: A palavra e os demais elementos a ela associados no processo representativo (como uma melodia ou uma ordem sintática [...]) para que possamos atuar como elemento representativo.

2. Contexto: o que vem antes e depois da palavra, o restante do texto, o texto que precede e sucede o próprio texto, o texto que se junta e que referencia o texto, num entrelaçar de palavras em textos que acabam formando o complexíssimo conjunto de sinais interligados que procuramos entender quando nos comunicamos.

3. Cenário: além de um conjunto de conhecimentos culturais e de um processo de atribuição de sentidos progressivos em um roteiro cultural, o cenário compreende todos os fatores relevantes do ponto de vista dos interlocutores para a especialização dos sinais. Esses fatores incluem todo o complexo conjunto situacional que envolve a enunciação, desde as roupas de quem enuncia [...] até elementos fortuitos que se relacionam de qualquer forma ao que se enunciou [...].

Dessa maneira, por meio do esclarecimento sobre o que é sinal, contexto e cenário, com base na teoria da SCC, Ferrarezi Jr. (2008, p. 28) reforça que “os sentidos costumeiros das palavras variam de cultura para cultura e de indivíduo para indivíduo”. Além do princípio da especialização, o autor também pontua outros dois princípios que são essenciais para o estudo sobre o sentido. Como o sentido do sinal-palavra muda de acordo com contexto e cenário, o falante quando está diante desses elementos está atento ao “Princípio do Monitoramento Constante”. Para Ferrarezi Jr. (2008, p. 29), “os interlocutores em condição cooperativa monitoram constantemente o cenário em busca de elementos relevantes para a compreensão da interlocução”. Isso significa dizer que estar disposto a entender o que o outro quis comunicar é o ponto principal desse princípio.

O último princípio sobre a atribuição de sentido é quanto à ciclicidade e recursividade. Segundo a perspectiva de Ferrarezi Jr. (2008, p. 29), “a especialização dos sentidos dos sinais-palavras no contexto e no cenário dá-se de forma cíclica e recursiva e não de forma linear e sucessiva”. Dessa maneira, há o que o autor chama de idas e vindas ao contexto e cenário que a palavra foi empregada. O percurso de ir e voltar é explicado quando o falante ao passar pela especialização e, também, pelo monitoramento constante, tem a chance de localizar e compreender o sentido que foi, de fato, atribuído ao sinal-palavra. Essa assertiva

é contemplada quando o teórico afirma que “temos sempre a possibilidade de voltar e remontar nossa compreensão associando novos sentidos às palavras que tínhamos ouvido ou lido” (Ferrarezi Jr., 2008, p. 29). Ainda no que se refere ao último princípio, o semanticista menciona que para a atribuição de sentido, quanto à ciclicidade e recursividade, há também outras três fases a serem consideradas pelo falante. Em ordem, são elas: o sentido menor, médio e maior. Com a finalidade de definir e localizar os itens de acordo com a teoria, Ferrarezi Jr. (2013, p. 78-79) faz os seguintes direcionamentos:

- **Sentido menor** – sentido tomado como inerente a um sinal – quando é possível identificá-lo – por ser costumeiramente associado a esse sinal em uma determinada cultura. P. ex.: o sentido genérico e costumeiro da palavra casa. Quando a palavra aparece ‘solta’ não é incomum que pensemos em ‘casa’ como residência.
- **Sentido médio** – sentido obtido pela inserção do sinal em um contexto (dimensão linguística), permitindo uma maior, porém ainda não completa, especialização. P. ex.: ‘Aquela casa de carne’. Nesse sentido, ‘casa’ não é mais residência, mas ‘casa comercial’, que aqui significa, no conjunto da expressão, ‘açougue’.
- **Sentido maior** – sentido totalmente especializado, conseguido pela inserção do contexto (dimensão linguística) em um cenário (dimensão de uso, extralinguística, cultural). É o sentido pleno, como usado pelos falantes cotidianamente. P. ex.: imaginemos que em uma cidade qualquer, em um bairro comum, uma esposa (Maria) tenha matado e esquartejado seu marido (João) em sua residência. O crime foi descoberto e ganhou notoriedade nacional, gerando enorme convulsão naquela comunidade. Um morador incógnito, muito revoltado [...], numa dada noite, pincha o muro da casa em que se cometeu o crime com o seguinte dizer: ‘Casa de carne da Maria. Promoção de hoje: fígado de macho’. Nesse caso, ‘casa de carne’ significa muito mais do que ‘casa = residência’ e do que ‘açougue’ simplesmente. É uma expressão que, em função de toda a história envolvendo aquele lugar, tem um sentido muito mais complexo, socialmente marcado, apresenta um quê de indignação e revolta, enfim, que vai muito além do sentido médio.

O último princípio, o da ciclicidade e recursividade, surge para comprovar o que foi dito sobre a relação da língua e cultura no momento de atribuir sentido às palavras, bem como a não existência de um sentido único e definitivo. Por esse motivo, podemos dizer que cabe à SCC e SC o estudo da língua quanto a sua apresentação criativa.

A delimitação das abordagens semânticas formal, cultural e de contextos e cenários foi feita baseada no critério de uso destas estruturas no decorrer dos estudos semânticos no Livro Didático (LD) do Ensino Fundamental (EF) – Anos Finais. Essa escolha ocorreu em virtude desse material ser o ponto norteador do público alvo desta pesquisa, no caso os professores de Língua Portuguesa (LP) que

ministram aulas nesse nível de estudo. No que diz respeito ao estudo e compreensão dos fenômenos semânticos da língua como forma de auxiliar o(a) estudante em uma produção textual, levamos em consideração o contexto e cenário, conforme abordamos neste tópico da dissertação. Nesse viés, conseguimos estabelecer algumas notas sobre a escrita e leitura com base na SCC.

A princípio, é preciso reforçar que o trabalho com a Semântica da Língua Portuguesa na Educação Básica é relevante, pois enquanto no ensino tradicional a língua materna é estudada com foco na estrutura gramatical, sem qualquer vínculo com a cultura do falante, com o suporte da SCC, a língua usada pelo falante é vista com base em uma perspectiva cultural. Por meio da SCC, a gramática não é deixada de lado, mas agrega ao estudo gramatical, são observados quais efeitos de sentido podem ser percebidos na língua, quanto vista pela perspectiva da vida social do falante. Além disso, podemos dizer ainda que no tradicionalismo o(a) estudante não consegue se reconhecer dentro da própria língua. Já na SCC, esse(a) estudante ajuda a construir o ensino, pois a língua no ambiente escolar assume as variações, considera as memórias do(a) estudante, e também valoriza os conhecimentos aprendidos fora das instituições tradicionais, escolares. Neste momento, podemos mencionar que “a memória consiste em uma das três operações fundamentais realizadas por um computador, pois pode ser decomposta em escrita, memória e leitura” (Nogueira, 2015, p. 24).

Outro ponto relevante a ser destacado é que a língua estudada na escola tradicional, com o tempo, é usada apenas no ambiente escolar, sem expansão do conhecimento. Porém, a escola, adotando como suporte a SCC, o(a) estudante faz uso da língua em sala de aula e nos ambientes de convivência social, constituindo nesse formato uma significativa parceria em um espaço de vida real. A SCC pode agir diretamente na leitura e escrita. Mas, abordamos somente os aspectos relacionados à escrita, a fim de que adotemos critérios de delimitação e, conseqüentemente, seja iniciado o ponto de discussão em torno de uma proposta de análise.

A partir desse propósito, esclarecemos que, na escrita, existem alguns critérios que dificultam o estudo da SCC. O semanticista Ferrarezi Jr. (2010, p. 276) explica que, com base no contexto e cenário, “temos, apenas, as palavras escritas e um pequeníssimo número de sinais de pontuação, que fazem alusão à estrutura interna da frase (vírgula) ou aos tipos gerais desejados (interrogação, afirmação,

reticência, etc.)”. A dificuldade em associar a escrita com a SCC acontece porque, “dificilmente, o escritor e leitor compartilham um mesmo cenário, o que interfere diretamente na especialização dos sentidos” (Ferrarezi Jr., 2010, p. 276).

Quando se propõe a praticar a escrita, o falante está inserido em um contexto específico e, ao mesmo tempo, existe um cenário – sobre cenário, é tudo que está antes e depois da palavra – distinto que complementa as informações registradas. Com isso, no conteúdo escrito há maiores possibilidades de incoerência, quanto à interpretação. Esse fato é explicado, quando diz que pode parecer mais fácil entender o que o falante diz, do que compreender a mesma sentença, quando está escrita. Tal dificuldade ocorre, por exemplo, quando há a presença da ambiguidade no texto, que trataremos na seção a seguir.

3. Fenômenos semânticos em destaque: ambiguidade e polissemia

Para Ferrarezi Jr. (2010, p. 241), na SCC, “podemos definir, rigorosamente, ambiguidade como a possibilidade de atribuir mais de um sentido a uma mesma sentença em um mesmo contexto e cenário”. Na comunicação escrita é possível que exista a possibilidade de dupla interpretação, por quem faz uma leitura do texto e, por isso, é importante que o sentido atribuído a uma sentença seja definido, segundo o contexto e cenário. Abrahão (2018, p. 146), por sua vez, afirma que é “a propriedade dos enunciados de apresentarem várias possibilidades de interpretação simultaneamente”. Oliveira (2017, p. 109), corroborando com este autor, evidencia que “é a possibilidade de se atribuir mais de um significado a uma palavra ou a uma sentença”. Nessa perspectiva, Barbosa (1981, p. 244, *apud* Duarte, 2003, p. 58) indica que “a monosssemia inicial de um lexema pode corromper-se rapidamente, a partir do momento em que o lexema passa a circular na comunidade”. Em virtude disso, convém que este processo significativo da ambiguidade seja analisado em seu contexto de produção nas palavras em uso nas relações das atividades sócio-culturais, pois trata-se de “um entre os vários processos de significações existentes na língua portuguesa. É possível identificar a presença desse fenômeno linguístico em vários gêneros textuais e neles perceber a significação das palavras em constante movimento” (Lima *et al.*, 2021, p. 1738). Desse modo, este fenômeno semântico tem a possibilidade de que seja “adaptado e reinterpretado de várias maneiras”, ao ser usado de forma intencional. (Ribeiro; Sá; Nogueira, 2024, p. 84).

Na comunicação, consideradas as influências que ocorrem, Ullmann (1964, p. 110-112) assinala que o contexto constitui-se um “papel vital na fixação do significado das palavras demasiado vagas, ou demasiadas ambíguas, para fazerem sentido por si próprias”. Tais estudos corroboram, inclusive, com os mencionados por Ferrarezi Jr. (2010). No que concerne à ambiguidade, como mencionado anteriormente, essa pode gerar no interlocutor uma dupla interpretação, como se na organização sintática fosse possível mais de uma possibilidade de apreensão do sentido proposto. Na abordagem da SCC, a ambiguidade, segundo Ferrarezi Jr. (2010, p. 242), ocorre partindo de uma premissa que se dá da seguinte forma: “é como se o contexto se permitisse ser inserido pelo locutor em um cenário e pelo interlocutor deste em outro cenário, gerando uma dupla construção de sentido, uma dupla interpretação”. Com base nessa concepção, a ambiguidade é vista não como uma discordância durante a comunicação e constituição de sentido ao enunciado escrito, mas como um evento semântico que ocorre por conta da existência de cenários distintos para cada contexto.

Nesta pesquisa, abordaremos, especificamente, a ambiguidade lexical que “pode ser gerada por dois tipos de fenômenos distintos: a homonímia e a polissemia” (Cançado, 2012, p. 71). Os estudos de Oliveira (2017, p. 109), inclusive, indicam que “a polissemia é um dos fatores que podem causar ambiguidade, que, nesse caso, pode ser chamada de ambiguidade lexical”, inferimos, pois, que a homonímia seja outro fator. Nessa perspectiva, Cumpri (2012, p. 109) afirma que “ocorre quando é possível aplicar mais de uma interpretação para uma unidade lexical e é provocada pelos fenômenos da homografia e da polissemia”, acrescentando que, na medida em que ocorre “a escolha de um sentido para que o outro seja negado”, haja a desambiguação. Abrahão (2018, p. 147) aponta, pois, que este tipo de ambiguidade ocorre “quando deriva, exclusivamente de um item polissêmico”. Os autores coadunam com os conceitos de ambiguidade, particularmente a lexical, no tocante ao uso do léxico como seu causador; por um lado, alguns com a possibilidade de ser gerada tanto pelo fenômeno da homonímia quanto pelo da polissemia, considerados fenômenos distintos; por outro lado, há quem apresenta, apenas, a opção da polissemia.

Retomando o fenômeno polissemia, entendemos que ocorre quando um léxico pode ser associado a mais de um sentido, ou seja, um único sinal-palavra apresenta vários sentidos, ou melhor, diferentes valores representativos das

palavras. A palavra, quando usada, pode apresentar muitos significados. Essa propriedade, presente na polissemia, é identificada para além do sentido original, dando possibilidade de sentidos múltiplos e, conseqüentemente, várias interpretações.

Ferrarezi Jr. (2010, p. 226) aborda que quando “entram em cena o contexto e cenário, dificilmente se terá a possibilidade de evocar muitos sentidos para um mesmo sinal”. Em virtude disso “é que ela é mais comun na escrita, em que se tem somente o contexto e em que o cenário depende invariavelmente do leitor”, uma vez “que pode construí-lo ou não de forma satisfatória, gerando tantos mais casos de polissemia quanto menos satisfatória for a definição do cenário por ela realizada”. Fazer uso de forma coerente do fenômeno semântico “polissemia” é ter a possibilidade de reduzir a necessidade, que possa existir, quanto à criação e até mesmo memorização das palavras que serão usadas no ato de produzir um texto.

Dessa forma, Ferrarezi Jr. (2019, p. 93) menciona que a polissemia “é mais facilmente identificada em sentenças isoladas e em ambientes de escrita em que as informações contextuais são menos presentes e mais deficientes”. Além da observação ao contexto e cenário, é possível identificarmos a polissemia quando ao lermos uma sentença, conseguimos distanciar dois pontos distintos, são eles: “a relação entre o que se diz e a situação discursiva” (Ferrarezi Jr. 2019, p. 93). Convém ser considerado que existem casos em que os fenômenos da polissemia e homonímia são confundidos, assim, para Cançado (2015, p. 71-72), existe “uma diferença entre homonímia e polissemia tradicionalmente assumida pela literatura semântica, mais especificamente pela Lexicologia”, pois “os dois fenômenos lidam com vários sentidos para uma mesma palavra fonológica; entretando, polissemia ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si”. Para a Semântica, o estudo sobre a polissemia, é entender o sentido de uma palavra, frase, expressão dentro de um texto inserido em determinados contextos, uma vez que, para Lyons (1982, p. 110-111), a polissemia (ou significado múltiplo) trata-se de “uma propriedade de lexemas simples; e aí está a diferença, a princípio, entre homonímia e polissemia”, e complementa que “a distinção entre homonímia e polissemia, embora suficientemente fácil de ser formulada, é difícil de ser aplicada com coerência e segurança”. Por esse motivo, considerado um fenômeno semântico raro na prática do cotidiano dos falantes da língua, a polissemia é possível de ser identificada quando se considera o contexto e cenário em que a palavra foi utilizada.

Sobre o assunto, mencionamos Souza e Gonçalves (2018, p. 69), quando afirmam que: “a polissemia [...] é um fenômeno que contribui para esse enriquecimento vocabular, pois apresenta e reúne diversos significados de uma palavra. Entretanto, a sua distinção nem sempre é de fácil compreensão, pois ela se confunde largamente com a homonímia”. Acerca da distinção entre os fenômenos semânticos para a descrição do léxico de uma língua, tais autoras fazem o seguinte paralelo, com a finalidade de esclarecimento de dúvidas que possam existir quanto a identificação de uma palavras polissêmica ou homônima, “[...] polissemia e homonímia podem, de fato, serem facilmente confundidas e, a nosso ver, apesar de inúmeras reflexões já terem sido realizadas, para diversos autores, ainda não há um critério seguro que possa distingui-lás”. Certamente, “o critério etimológico, que toma por base a origem do vocábulo, parece de fato ser o mais adequado. Desse modo, as palavras polissêmicas são constituídas do mesmo étimo, enquanto as homônimas são constituídas de étimos diferentes” (Souza; Gonçalves, 2018, p. 71).

A distinção entre homonímia e polissemia pode ocorrer, também, por meio da teoria de Cançado (2015, p.71) ao indicar ser “de extrema relevância na descrição do léxico de uma língua. Palavras polissêmicas serão listadas mesmo tendo uma mesma entrada lexical, com algumas características diferentes; as palavras homônimas terão duas (ou mais) entradas lexicais”. Além disso, em diversos casos, “a mesma palavra pode ser considerada homonímia em relação a determinado sentido e ser polissêmica em relação a outros”. Dessa forma, tendo o conhecimento sobre os fenômenos semânticos, será possível o texto ser observado com um olhar mais atento, a fim de que a escrita seja realizada de forma coerente e coesa, com base no contexto e cenário de quem produz.

Em vista do que foi exposto, convém indicar que a ambigüização “é um fenômeno de mão única provocado inconscientemente, existindo apenas para o leitor ou para o ouvinte e só pode ser desfeita” (Lima *et al.*, 2021, 1737), de acordo com Ullmann (1964, p. 109) “a partir do próprio contexto ou da negociação de sentidos estabelecidas entre os participantes de um discurso”. Assim, o contexto pode constituir-se um recurso desambigüizador ao se considerar enunciados específicos. Em se tratando da desambigüização, Oliveira (2017, p. 113) sustenta que “é importante deixar claro que nenhuma sentença é proferida em isolamento, fora de contexto. Isso significa que o contexto é um dos elementos da desambigüização de sentido à disposição do falante-ouvinte”. Em vista disso, na

escola, convém que a ambiguidade seja trabalhada no contexto comunicativo, pois o(a) aluno(a) perceberá que o processo de desambiguação pode ocorrer no momento do ato da enunciação ou na análise do enunciado.

Nessa perspectiva, ao compreendermos o funcionamento dos fenômenos citados, somos capazes de perceber a essência da estrutura gramatical e entender, também, o processo existente no momento de atribuir o sentido de uma língua. O estudo sobre ambiguidade é relevante para o Ensino Fundamental – Anos Finais, pois, ao saber interpretar os sentidos atribuídos com base na existência deste fenômeno semântico, no momento de uma produção textual, o texto não apresentará interpretações duplas, nem equívocos estruturais.

4. O texto jornalístico: gênero notícia

Reflexões em torno da língua(gem) e as situações comunicativas são recorrentes durante o ensino da disciplina de Língua Portuguesa (LP). O contexto social, cultural e histórico, a diversidade linguística existente e atribuição de sentido e significado começam a fazer parte do estudo do texto em sala de aula. Pagnoncelli (2008, p. 03) defende que “[...] o ensino da língua materna não pode se restringir à transmissão de regras gramaticais, à repetição de exercícios descontextualizados e de que a leitura pode ser uma atividade deflagradora da produção textual”, uma vez que “pensamos que deva ser objeto de estudo constante na sala de aula, independente da disciplina, o texto. Permitindo assim, que os estudantes interajam com a multiplicidade de gêneros textuais aos quais estão expostos no dia-a-dia”. As formas de acesso ao texto no ambiente escolar foram se modificando no decorrer dos anos, principalmente no Livro Didático (LD), suporte textual para o desenvolvimento de atividades do professor em sala de aula.

Nessa perspectiva, o(a) estudante, ao ter contato com esses conhecimentos, assume uma postura, a qual poderá ser considerado um cidadão crítico, que age sobre o mundo. Isso é possível devido a existência de uma nova conjuntura, pensada, modificada e ampliada a partir das contribuições propostas pelo Plano Nacional do Livro e Material Didático – PNLD (Brasil, 2018), situação esta, que o objetivo estava voltado para o desenvolvimento dos(as) estudantes com base, também, no LD. Com as atividades realizadas pelo PNLD e a valorização dessa diversidade nos materiais expostos no LD, Marcuschi (2008, p. 151), ao destacar a

relevância do trabalho com gêneros no ambiente escolar, juntamente com o suporte do LD, esclarece que “na realidade, o estudos dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais”. A existência de um ambiente favorável, que dê condições aos estudantes de produzirem bons textos e, conseqüentemente, apresentarem sentido para produção, que sejam relevantes para o dia a dia, se torna imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem. Marcuschi (2008, p. 155), ao definir gêneros textuais, diz que são textos encontrados “em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração das forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”.

O estudo sobre gêneros é visto a partir de várias perspectivas, como por exemplo, no campo jornalístico. No ambiente escolar, eles devem ser exercitados com mais frequência, como propõe a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017). O campo jornalístico-midiático trata “de ampliar e qualificar a participação das crianças, adolescentes e jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, que estão no centro da esfera jornalística/midiática”. Além disso, “construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo”, assim, “o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas”, a fim de que “incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias”, possibilitando que “desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa” (Brasil, 2017, p. 140). Ao fazer referência ao campo jornalístico-midiático, a BNCC aborda que deve fazer parte da rotina escolar, as práticas de linguagem e objetos de conhecimento, isso para os(as) estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Para possibilitar uma melhor prática pedagógica, quanto ao domínio do gênero textual jornalístico, ressaltamos que esse apresenta 5 (cinco) subdivisões: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Por ser um vasto campo de estudos, o enfoque será para o informativo, que contempla: as notas, notícias,

reportagens, entrevistas, títulos e chamadas, nomenclatura estabelecida por Melo e Assis (2016). Subtópicos que fazem parte da categoria informativa, ainda, correspondem a um amplo campo de pesquisa, por isso, vamos sugerir nossa produção textual por meio do exercício de notícias. Um dos principais suportes dos gêneros textuais jornalísticos são as plataformas impressas, televisiva e via *web*. O contato de estudantes com atividades em torno de gêneros textuais faz algumas exigências, tais como: saber qual gênero fazer uso, de acordo com a intenção proposta em uma comunicação ou, então, criar novos gêneros.

A estrutura, conteúdos, produção de uma notícia com base no contexto e cenário do(a) estudante, constituem ferramentas importantes para o ensino, principalmente no que se refere à produção de sentido, a qual faz parte da Semântica da Língua Portuguesa. Sugerir uma produção de notícia, que valorize os aspectos semânticos, com base na SCC, é propor aos estudantes sentido e significados reais a esse tipo de produção textual. A notícia, por ser uma narrativa informativa, deve apresentar algumas características que a torna diferente dos demais textos que fazem parte do gênero textual jornalístico. Um acontecimento, ao ser narrado, precisa ser relevante socialmente e apresentar em sua estrutura, respectivamente, os itens: uma manchete, que é o título; um subtítulo, que surge para dar um suporte ao que foi dito anteriormente; um *lide*, que irá responder as questões “O quê?, Quem? Quando?, Como?, Onde? e Por quê?; em seguida, serão escritos os detalhes e as declarações concretas que passem ao leitor uma veracidade em torno do assunto noticiado.

O acontecimento relatado em uma notícia não precisa ser exclusivamente atual, porém, como foi dito, é necessário que seja relevante para o leitor, que está inserido em uma sociedade e atribui sentido aos textos que tem contato no cotidiano. Diante dessa abordagem, que valoriza o estudo semântico, com o suporte dos gêneros textuais, principalmente do jornalístico, é possível trazer para a escrita um resgate da memória, vivência, cultura, entre outros aspectos do(a) estudante e da comunidade, proporcionando uma melhor aprendizagem em sala de aula, pois promove uma comunicação entre conhecimento formal e não institucionalizado, adquirido nos demais ambientes de convívio social.

Quando falamos em escrita, com base também na memória, podemos relacionar essa conexão com o que foi exposto por Nogueira (2015, p. 20), ao dizer que “a escrita permite à memória coletiva o desenvolvimento de duas formas de

memória, sendo a primeira a comemoração, caracterizada com a celebração por meio de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável”. A autora destaca ainda, que o “documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita é a outra forma de memória ligada à escrita, para a qual houve várias tentativas: sobre osso, estofado, pele, entre outros, até finalmente o sucesso com papiro, pergaminho e papel” (Nogueira, 2015, p. 20). Sobre a valorização da memória, vivência e cultura, destacamos como relevantes, pois são questões indissociáveis de cada ser humano. Mencionamos tal fato, pois em uma comunicação fazemos uso de palavras.

Com base em Rodari (1982, p. 12), reafirmamos a assertiva anterior, quando o autor indica que “uma palavra escolhida ao acaso e lançada à mente, produz ondas de superfície e de profundidade, provoca uma série infinita de reações em cadeia, agitando em sua queda sons e imagens, analogias e recordações significadas e sonhos, em um movimento” que, ao mesmo tempo, “toca a experiência e a memória, a fantasia e o inconsciente, e que se complica pelo fato de que essa mesma mente não assiste passiva a representação, mas nela intervém continuamente, para aceitar e rejeitar, relacionar e censurar, construir e destruir”. O professor tem em suas mãos ferramentas que são capazes de despertar o interesse no(a) estudante sobre quais elementos fazem parte da produção de uma notícia, que vão além de responder as questões básicas que norteiam essa produção textual jornalística. A proposta é, diante da prática pedagógica, o professor ser capaz de promover um diálogo entre as práticas educativas realizadas em sala de aula, com os fatos reais que ocorrem na vida da comunidade, retratando no ambiente de aprendizagem os fatos da realidade. Fazendo isso, estaremos levando em consideração que a linguagem de um jornal é objetiva e coloquial, que proporciona uma aproximação entre a notícia com as diferentes realidades e classes sociais.

5. Análise das atividades do Livro Didático

Quando colocados o que os professores podem levar em consideração diante dessa abordagem, alguns elementos devem ser observados durante o planejamento e execução das ações diárias em sala de aula, como por exemplo: a valorização do protagonismo dos(as) estudantes, no que se refere ao ato da escrita; podem levar em consideração os fatos relacionados às memórias coletivas e individuais,

aspectos culturais, conhecimento linguístico, aprendizagens adquiridas dentro e fora do ambiente escolar, registros da vivência com familiares, amigos e/ou pessoas próximas de cada estudante, para incentivá-los a rememorarem as vivências diárias.

Esses fatores podem proporcionar uma aprendizagem colaborativa, que ocorrerá com base no texto presente no LD e sendo expandido para o trabalho que será desenvolvido durante as aulas de Língua Portuguesa. Quando mencionamos esses aspectos, podemos relacionar de forma direta o uso da palavra, no texto escrito que é nosso foco, com o desenvolvimento de cada estudante. Esse direcionamento é contemplado, com base em Rodari (1982, p. 20), ao dizer uma “palavra ‘age’ apenas quando encontra outra que a provoca, que a obriga a sair do seu cotidiano binário e se redescobrir em novos significados. [...] isso está intrinsecamente ligado ao fato de que a imaginação não é uma faculdade qualquer, uma vez que “separada da mente: é a própria mente, na sua interação, a qual, solicitada por uma atividade mais que por outra, serve-se sempre dos mesmos procedimentos”. Para Rodari (1982), as palavras são únicas, porém, dependem uma da outra e também são fontes inesgotáveis, para que um texto seja escrito, sempre com o suporte individual e coletivo que cada estudante traz consigo. Por esse motivo, podemos mencionar ainda, que “[...] as palavras não estão presas a seu significado cotidiano, mas libertas da cadeia verbal da qual fazem parte cotidianamente. [...] Só então encontram-se em condições ideais para gerar uma história” (Rodari, 1982, p. 22).

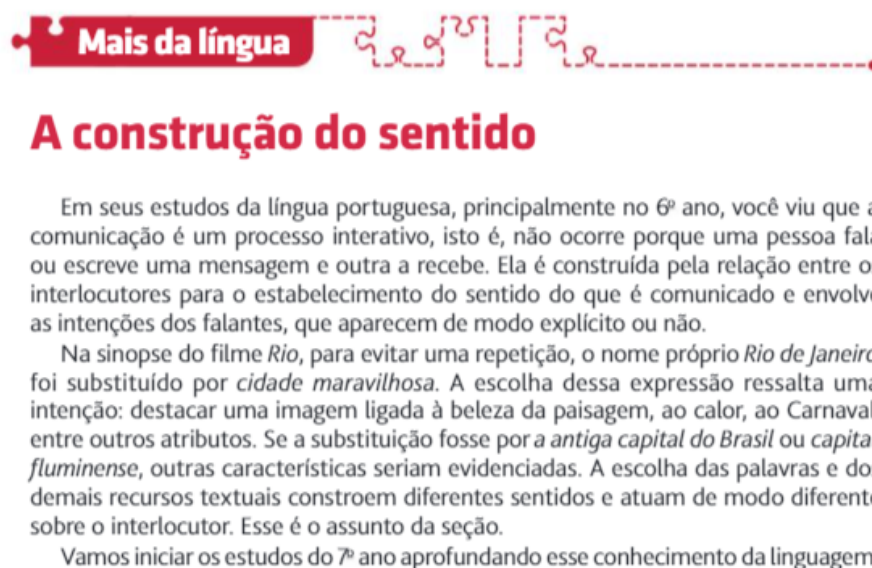
Assim, a elaboração de uma notícia jornalística, que tenha como base a teoria trabalhada na SC e SCC. Com esses conhecimentos e tendo em vista os estudos a serem realizados, o professor poderá incentivar uma produção que contemple em sua sala de aula os itens mencionados anteriormente, bem como avaliar a presença, o uso coerente e coeso dos fenômenos semânticos, sempre recorrendo às memórias e outros fatores já mencionados. A avaliação ocorrerá seguindo fases de análises que serão descritas posteriormente. Dessa forma, foram observadas atividades no decorrer do LD, sobre como a Semântica é estudada e como esse trabalho pode ser ampliado, em uma perspectiva colaborativa, entre a didática do professor e os conhecimentos adquiridos pelos(as) estudantes em ambientes não institucionalizados.

Ao realizarmos a análise em torno de atividades, observamos o sentido atribuído às palavras, enunciados e textos disponíveis no decorrer do LD. Quando

verificamos pela perspectiva Semântica, é possível entendermos que nada ocorre por acaso. Com base na perspectiva da SC e SCC o conhecimento linguístico, quando relacionado aos aspectos culturais, são imprescindíveis durante o estudo semântico. Nessa perspectiva, Ferrarezi Jr. e Basso (2013, p. 76) esclarecem que é necessário “pressupor que os sentidos são atribuídos às palavras não de forma aleatória [...] mas que existem princípios norteadores desse processo”, a saber, “tanto princípios intralinguísticos (da própria gramática da língua) como princípios da relação entre a língua e a dimensão extralinguística (princípios da relação entre a língua e os demais fatos culturais). Identificar esses princípios é essencial para uma análise satisfatória”.

Na obra do 7º ano do Ensino Fundamental, as atividades que trabalham a Semântica da Língua Portuguesa são apresentadas pelos autores em uma abordagem metalinguística, com o estudo sobre os fenômenos semânticos usados no dia a dia, explorando as possibilidades que a Semântica pode alcançar. Algumas seções no Livro Didático, como o estudo voltado para a “Construção do sentido” ou “Significação das Palavras”, “Sentido conotativo e sentido denotativo”, “Sinônimos, antônimos, hiperônimos e hipônimos”, entre outros, contemplam nossos objetivos ao propormos uma atividade neste seguimento. No capítulo 1 “Notícia: o registro do cotidiano”, na seção “Mais da língua”, identificamos um estudo voltado para a compreensão do sentido das palavras usadas em um texto, conforme a Figura 1.

Figura 1: Seção “Mais da Língua” da coleção – 7º ano



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018a, p. 36)

Na análise sobre a construção de sentido, verificamos que os autores abordam a temática cultural, o que pode indicar o estudo voltado à SC e SCC. Assim, quando mencionam o termo “Rio de Janeiro” – no texto inicial da seção “Mais da Língua” –, querem fazer uma referência a algo conhecido por um grupo, atribuindo um sentido costumeiro.

Fazendo uso das substituições como “cidade maravilhosa” e, logo em seguida, indicando que a expressão quer “destacar uma imagem ligada à beleza da paisagem, ao calor, ao Carnaval, entre outros atributos” (Ormundo; Siniscalchi, 2018a, p. 36), podemos relacionar o termo inicial ao estudo da SC, pois usam argumentos culturalmente conhecidos por um grupo. O quadro sobre “Construção de sentido” é o início das atividades desta seção. No texto, a SCC, também, é abordada de forma implícita. Quando os autores destacam “a escolha das palavras e dos demais recursos textuais constroem diferentes sentidos e atuam de modo diferente sobre o interlocutor” (Ormundo; Siniscalchi, 2018a, p. 36), de tal modo é possível fazer uma inferência ao contexto e cenário, teoria discutida na SCC.

Nessa perspectiva e para fins de análise desse quadro informativo, podemos considerar que contexto é o que vem antes e depois da palavra ou expressão usada e cenário são os demais elementos ou recursos, termo usado pelos próprios autores do LD, pois são elementos que fazem parte da comunicação. Assim, podemos aplicar novamente a teoria da SCC no tópico intitulado “Pra começar” apresentado no LD, de acordo com a Figura 2:

Figura 2: História em quadrinho de Will Leite



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018a, p. 36)

Na história em quadrinhos (HQ), simultaneamente ao estudo sobre a construção do sentido, é possível fazer inferências sobre ambiguidade e, mais uma vez, o trabalho voltado à teoria da SCC pode ser explorado. Os autores complementam as informações sobre a história mencionada, indicando questões que farão parte da análise a ser feita pelo(a) estudante em sala de aula:

- 1 O que o interlocutor que está sendo entrevistado deseja?
- 2 Observe a maneira como se dá a interação no primeiro quadrinho.
 - a) O que a fala e a expressão corporal do personagem de chapéu sugerem sobre sua personalidade?
 - b) Como isso interfere na maneira como o outro personagem responde?
 - c) Que outros fatores também podem ter influenciado a resposta? (Ormundo; Siniscalchi, 2018a, p. 36).

Após a leitura e reflexão em torno da história de Will Leite, são propostas tais questões

a serem respondidas em torno do que foi trabalhado pelo quadrinista. Os autores indicam sugestões de respostas:

- 1 Um emprego no circo.
- 2
 - a) Ele parece ser um homem grosseiro, pouco receptivo.
 - b) O outro personagem responde de forma tímida, sem se estender muito em sua explicação.
 - c) O fato de os dois personagens estarem em um escritório e de trem posições diferentes (um é dono do circo e o outro é alguém que procura emprego), aspectos que podem parecer intimidadores para o jovem. (Ormundo; Siniscalchi, 2018b, p. 36).

Na questão 2, a SCC aparece no LD, quando Ormundo e Siniscalchi (2018b, p. 36) questionam “a) O que a fala e expressão corporal do personagem de chapéu sugerem sobre sua personalidade?”. Ao fazerem menção aos elementos além da escrita, estão se referindo ao cenário, pois, na resposta a ser apresentada, é preciso levar em consideração como o modo da “fala” e “expressão corporal” podem contribuir na atribuição do sentido proposto no primeiro quadrinho. O cenário, na teoria da SCC, é tudo aquilo que está situado na dimensão extralinguística, o trabalho com o Livro Didático, contemplando esse aporte teórico, pode contribuir com o estudo da Semântica. Essa possibilidade é expressa com base na observação dos elementos que constituem a cena: o empregador (o homem que está de chapéu), os objetos sobre a mesa, a vestimenta deste personagem e o quadro na parede, são fontes de informações extras que auxiliam na constituição do sentido.

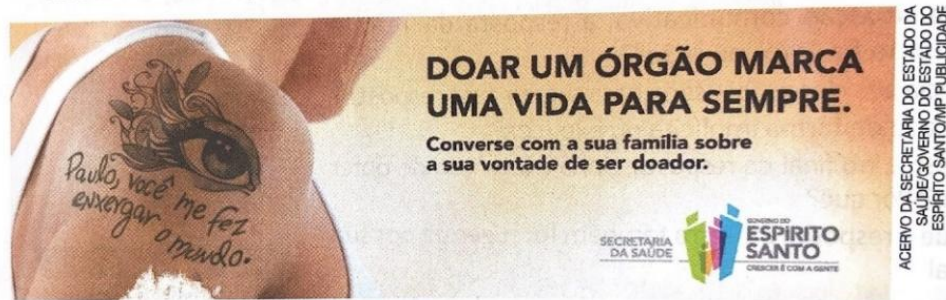
Seguindo essa perspectiva, o personagem principal, o rapaz que está à procura de uma vaga de emprego, no momento inicial diz saber imitar um passarinho. Ao mencionar esse talento, outros elementos atestam a fala, como o fato de, no último quadrinho, ele sair voando, no sentido denotativo. Esse sentido atribuído, também, faz parte dos fenômenos semânticos da Língua Portuguesa, que podem ser explorados no material exposto no LD, colaboram na reflexão em torno da Semântica, auxiliando nas respostas a serem dadas no decorrer das atividades indicadas no LD.

Ainda no LD, observamos questões relacionadas à Semântica. Na seção “Mais da Língua”, no tópico destinado ao estudo da “Significação das palavras”, podemos identificar fenômenos semânticos, bem como na ampliação do estudo, direcionando para a SC e SCC. Sobre a atividade, selecionamos o anúncio publicitário, conforme Figura 3:

Figura 3: Anúncio publicitário sobre doação de órgãos

A significação das palavras

Leia este anúncio publicitário.



Campanha de conscientização sobre a importância da doação de órgãos na vida de quem os recebe. Secretaria de Saúde do Espírito Santo.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018a, p. 40)

Ao indicar que o estudo é voltado para a significação das palavras, os autores direcionam, de forma explícita, que será preciso que o leitor busque o significado que a palavra expressa no anúncio publicitário quer transmitir, e apresentam as questões:

1. O anúncio orienta o leitor a conversar com os parentes sobre a doação de órgãos. Por que você acha que essa orientação precisa ser feita?
2. Quem promoveu essa campanha? Que relação há entre esse agente e o assunto da campanha?
3. O que o leitor deve entender sobre a personagem em destaque?
4. A expressão *enxergar o mundo* pode ter dois sentidos diferentes. Qual deles é geralmente atribuído a ela? Qual é o sentido previsto nesse contexto?
5. No texto do anúncio escrito em letras maiores também há uma palavra que poder ter dois sentidos no contexto. Qual é ela? Que sentidos tem essa palavra? (Ormundo; Siniscalchi, 2018a, p. 40).

Convém destacar que os autores apontam possíveis respostas. Na atividade, há elementos a serem observados. O primeiro, ainda no âmbito do texto escrito (Figura 3), diz: “Converse com a sua família sobre a sua vontade de ser um doador” e o segundo, mescla texto e imagem, fazendo referência à tatuagem no braço do personagem colocado no anúncio. Na tatuagem, tem a frase: “Paulo, você me fez enxergar o mundo” e, complementando, há o texto não verbal, imagem de um olho. Os autores fazem, assim, comentários e colocam um box explicativo, que auxiliam na discussão que pode ser feita em sala de aula. Ao lermos a frase “Doar um órgão marca uma vida pra sempre” somos capazes de realizar algumas interpretações. O que possibilita as observações é a palavra “marca”. Assim, podemos inferir que a partir da frase no anúncio, o leitor poderá entender que trata-se de indicar que o ato

de doar um órgão é algo que mudará para sempre a vida de quem recebe; além disso, podemos dizer que, quando associado aos demais elementos do anúncio, a “marca” faz referência a uma tatuagem, como a imagem que complementa as informações em texto; outra interpretação que pode ser mencionada é que o órgão doado, neste caso, são os tecidos oculares. A última inferência citada pode ser feita com base, também, na imagem ao lado do texto.

A busca pelo significado das palavras é uma atividade Semântica. A palavra “marca” traz uma ambiguidade para o leitor, podendo também ser identificada dentro do estudo do fenômeno da polissemia, pois trata-se de um léxico que pode ser associado a mais de um sentido. O que diferencia a significação é o contexto (ambiente) e cenário (elementos extras) do anúncio publicitário em questão. A SC e SCC podem ser exploradas ao ampliarmos a discussão sobre doação de órgãos no ambiente que o(a) estudante vive. Seja na escola, casa, bairro onde mora, é possível que as questões propostas sejam levadas para o extraclasse. Sugestão de perguntas: Quem já doou algum órgão?, Já precisou de doação ou conhece quem tenha necessitado? Na cidade onde mora, sabe se há cirurgias de doação? Já ouviu falar sobre algum caso, seja na televisão, rádio, ou leu alguma matéria sobre o assunto? Tais questionamentos estão inseridos nos estudos da SCC, uma vez que amplia a discussão, viabilizando informações socioculturais que possam auxiliar nas atividades propostas no LD.

Essas são algumas das possibilidades que podem ser exploradas durante o desenvolvimento da atividade que indica, inicialmente, apenas o estudo sobre a “Significação das palavras”. Após análise de atividades em sala de aula, conforme os exemplos citados anteriormente, o professor pode, também, ficar atento às formas de avaliação do(a) estudante. Assim, além de considerar a leitura e interpretação de texto, serão avaliados aspectos estudados pela SC e SCC. Tais aspectos são mencionados por Ferrarezi Jr (2013, p. 76-78), ao elencar os itens:

- 1. Análise dos aspectos sistêmicos da estrutura linguística e sua relação com os sentidos: a estrutura gramatical, a hierarquia dos traços de sentido gramaticalizados e os efeitos de ordem e de melodia** – nesse passo, pretendemos dar conta de aspectos de base da língua. Podemos partir do que sabemos da gramática daquela língua e averiguar se, de alguma forma, podemos relacionar essa gramática que conhecemos com aspectos culturais de qualquer ordem.
- 2. Análise dos sentidos especializados atribuídos ao léxico, análise das construções figurativas e da constituição de sentidos individuais, tendo como referência os sentidos costumeiros** – aqui, podemos passar

às formas específicas de especialização de sentidos no âmbito da comunidade de fala, verificando se há algum traço marcante e coletivo que mereça relevo ou se está acontecendo uma variação na atribuição de sentidos, como uma forma figurativa ou mesmo alguma idiosincrasia do falante.

3. Análise dos aspectos discursivos e elocutivos (contexto e cenário)

– agora, podemos partir para a elocução em si, para o ato que permitiu atribuir um sentido específico à palavra ou à expressão em análise, buscando informações contextuais (no âmbito linguístico) e cenarais (no âmbito extralinguístico) que possam justificar a atribuição de sentidos realizada.

No ambiente escolar, ao trabalharmos com a Educação Básica, mais especificamente no Ensino Fundamental – Anos finais, nós professores, durante o estudo semântico, lidamos em sala de aula com conteúdos que abordam a categorização de mundo. Ao classificarmos as palavras com seus respectivos significados e sentidos, fazemos isso por meio da cultura e, conseqüentemente, poderemos propor uma aula didática e mais dinâmica ao trazermos a realidade social dos(as) estudantes para classe durante o ensino da disciplina de Língua Portuguesa (LP). Nessa perspectiva, constatamos um processo de avaliação de forma importante, há uma valorização indiscutível no que se refere a aspectos semânticos da Língua Portuguesa.

6. Considerações finais

O trabalho realizado pelo(a) professor(a) no ambiente escolar ocorre de formas variadas, fazendo com que o estudo semântico aconteça de forma contínua. É importante considerarmos que incentivar nos(as) estudantes o desenvolvimento de raciocínio semântico, para além das definições propostas no Livro Didático, torna-se imprescindível, para a formação dentro e fora da sala de aula, principalmente no que se refere aos conhecimentos sobre a língua e linguagem.

Saber fazer uso da teoria Semântica na prática do dia a dia é ser capaz de ampliar o ensino da língua formal, alcançando o contexto e cenário que torna o sentido e significado mais específicos nas situações, em que a língua e linguagem se fazem presentes. Diante das possibilidades de interação entre falante e ouvinte, observamos e comprovamos que significativas noções sobre contextos e cenários potencializam o entendimento sobre sentido e significado no estudo da Semântica da Língua Portuguesa. Na essência da teoria específica, observamos que ela por si não é

fechada, é ampla e dá sempre novas perspectivas e/ou possibilidades, conforme estudo realizado. Verificar, pois, novas oportunidades de interpretação, uma vez que desapegar do tradicional e dar a chance ao estudante, durante seu percurso no ambiente escolar, de re(conhecer) novas formas e dar sentido às coisas que fazem parte do mundo. Nesse patamar, afirmamos a possibilidade de fazer com que seja pertinente observar as questões que envolvem a realidade de cada um.

Constatou-se, especificamente, que o estudo do fenômeno semântico ambiguidade, causado por polissemia, que se trata de um léxico que pode ser associado a mais de um sentido, pode ser ampliado por meio da Semântica Cultural e Semântica de contextos e cenários, possibilitando identificar a significação do contexto (ambiente) e cenário (elementos extralinguísticos) do gênero textual anúncio publicitário no processo ensino-aprendizagem.

Ao olharmos com uma nova percepção, para atividades que envolvam o conteúdo semântico, no LD de Língua Portuguesa, vimos que as perspectivas de desenvolvimento do ensino de LP, em sala de aula, são inesgotáveis, pois apresentamos um direcionamento para a pesquisa sobre SC e SCC. Se a ciência das significações, Semântica, é infinita, as possibilidades de trabalho também são. É imprescindível destacarmos que as sugestões propostas, a serem realizadas ou postas em prática pelo professor, são direcionamentos de trabalho, não necessariamente um protocolo rígido a ser seguido. Para tanto, é fundamental que o profissional docente leve em conta cada cenário e contexto durante o desenvolvimento do trabalho em sala de aula, a fim de que o processo de ensino-aprendizagem seja efetivamente uma prática produtiva, elevando assim, o desenvolvimento docente e discente de forma ampla, consistente, que seja possível alcançar êxitos, tanto no escalonamento intelectual, social, para agir no meio em que vivemos de forma significativa.

Referências

ABRAHÃO, Virgínia B.B. **Semântica, enunciação e ensino**. [recurso eletrônico]. Vitória: EDUFES, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>. Acesso em 06 abr. 2020. Acesso em: 08 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional do Livro e Material Didático**.

2018. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

CANÇADO, M. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. 2. ed. São Paulo:Contexto, 2015.

CUMPRI, M. L. **Contribuições ao estudo da ambiguidade da linguagem**: uma proposta linguístico-educacional. 2012. 250 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/106084>. Acesso em 29 de jul. de 2021.

DUARTE. P. M. T. **Introdução à Semântica**. Revista e Ampliada. Fortaleza: EUFC, 2003.

FERRAREZI JR., C. **Semântica**. São Paulo: Parábola, 2019.

FERRAREZI JR., C.; BASSO, R. (orgs.) **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013.

FERRAREZI JR., C. Semântica Cultural. In: FERRAREZI JR., C.; BASSO, R. (orgs.) **Semântica, semânticas**: uma introdução. – São Paulo: Contexto, 2013. p. 71-87.

FERRAREZI JR., C. **Semântica para educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRAREZI JR., C. **Introdução à semântica de contextos e cenários**: de la langue à la vie. Campinas-SP. Mercado das Letras, 2010.

LIMA *et al.* Ambiguidade no gênero meme ea construção de sentido pelo efeito de humor. MIGUILIM -REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI, v. 10, p. 1733-1752, 2021.

LYONS, J. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Petrópolis – RJ: ZaharEditores, 1982.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. SãoPaulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, J. M. de; ASSIS, F. de. **Gêneros e formatos jornalísticos**: um modeloclassificatório. São Paulo, v. 39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.

NOGUEIRA, S. M. **Língua Portuguesa**: no Maranhão do século XIX sob enfoque historiográfico. São Luís : EDUEMA, 2015.

OLIVEIRA, L. A. **Manual de semântica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

ORMUNDO, W; SINISCHALCHI, C. **Se liga na língua**: leitura, produção de texto

elinguagem. 7º ano. São Paulo: Moderna, 2018a.

ORMUNDO, W; SINISCHALCHI, C. **Se liga na língua**: leitura, produção de texto e linguagem. Manual do professor. 7º ano. São Paulo: Moderna, 2018b.

PAGNONCELLI, M. A influência dos gêneros textuais no processo de construção do sentido do texto. In: 2008. **Anais do CELSUL – Centro de Estudos Linguísticos do Sul**. Erechim – RS.

RIBEIRO, D. S.; SÁ, S. S. L.; NOGUEIRA, S. M. Ambiguidade de segmentação: casos em que a cadeia faladaviabiliza segmentações de sentidos alternativos. **MUIRAQUITÃ – REVISTA DE LETRAS E HUMANIDADES (ELETRÔNICO)**, v. 12, p. 80-92, 2024

RODARI, G. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

SILVA, M. da G. T. **Experiência de vida**: um percurso para o letramento. 2007. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2007.

SOUZA, K. C. De; GONÇALVES, S. de C. P. A polissemia na sala de aula do ensino fundamental: Livros didáticos e dicionários escolares. In: **LING. – Est. e Pesq.**, Catalão-GO, v. 22, n. 2, p. 63-87, jul./dez. 2018.

ULLMANN, S. **Semântica**: Uma introdução à ciência do significado. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Declaração de contribuição dos autores

Primeiro autor: Conceitualização, ideias e formulação do trabalho na interpretação dos dados, redação e revisão do artigo.

Segundo autor: Conceitualização, ideias e formulação do trabalho na interpretação dos dados e revisão do artigo.

Terceiro autor: Conceitualização, ideias e formulação do trabalho na interpretação dos dados e revisão do artigo.

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.